



Onésimo Teotónio Almeida

Um arquivo de “citações” sobre os portugueses

Livro com o nome Marcello Duarte Mathias na capa garante leitura de apreciável quilate. Os seus ensaios, diários, memórias e crónicas trazem sempre a marca de um estilo informado, sereno e elegante em doses qb, devidamente apropriadas a cada género. O calibre dos seus ensaios revela um profundo sentido crítico não só de leitor cuidadoso de obras de grandes autores mas também de alguém comum pensamento próprio muito para além do mero registo de leitor empático. As páginas de volume após volume apenas confirmam o que o seu primeiro estudo sobre Camus preanunciava.

As suas preocupações com Portugal – o nosso passado coletivo, o presente e o rumo do país – são temas sobre que frequentemente reflete até por inerência à sua profissão, pois na sua carreira de embaixador seria quase impossível tal não acontecer. Por isso a surpresa do seu mais recente livro – *O Português visto por (alguns) Portugueses. Autores dos séculos XX e XXI* (D. Quixote) só poderá advir do facto de se tratar de uma antologia, neste caso uma espécie de seleção pessoal de textos sobre esse tema recorrente nos seus escritos – Portugal – caso mais especificamente sobre os seus compatriotas, presentes e passados. O leque é vasto e diversificado. Os autores vão desde os clássicos Jorge Dias, Miguel Torga, Agostinho da Silva, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, até à geração seguinte com Miguel Esteves Cardoso, Luísa Costa Gomes, Miguel Real, Boaventura Sousa Santos e Maria Filomena Mónica, entre outros.

Obviamente que não seria possível traçar-se um retrato dos portugueses com base nas opiniões de tão diversificado grupo de autores, cada qual com a sua visão pessoal, nem o antologador tenta sequer elaborá-lo. A resposta à dúvida sobre porquê então publicar uma coletânea deste teor vem explicitada na Introdução ao volume. Marcello Duarte Mathias “sempre quis escrever sobre Portugal”, “ou melhor, sobre os portugueses, o que não é bem a mesma coisa, embora de tão complementares se tornem por vezes indissociáveis”. Uma ambição que acabou não realizando, mas que pretende cumprir agora, diz ele “tardiamente, por interposta pessoa”, “recorrendo às muitas notas que sobre o tema” foi “acumulando ao longo de anos de leitura”. (p. 15)

Nessa introdução Marcello Duarte Mathias comenta as suas seleções, de algum modo justificando-as. Aí nos deixa também perceber que esse há muito arquitetado livro sobre Portugal seria precisamente um desenvolvimento dessa introdução, onde seriam inseridas as citações dos textos coligadas ao longo de anos de leitura. O plano prévio acabou sendo modificado reduzindo-se às páginas introdutórias são conjunto de duzentas e tantas outras de textos antologados, com o rótulo, em título, de “Citações”.

De assinalar é o Post-Scriptum subsequente à introdução. Nele, Marcello Duarte Mathias escreve: “toda esta problemática – as identidades nacionais e a crescente afirmação do factor nacional, a coesão moral dos povos e a sua consciência histórica, a vulnerabilidade de uns face à tentação hegemónica de outros, a convivência entre as nações e o futuro do projecto político europeu, o progresso material, a valorização da paz e os costumes que implica – ganhou uma inesperada dimensão com a emergência, à escala mundial, de duas gravíssimas crises” (p. 59). Nomeadamente o Covid-19 e a invasão da Ucrânia pela Rússia. Desta tendência para a afirmação de identidades étnicas e nacionais podemos inferir que, apesar do empenho das ciências sociais na travessia de fronteiras e no esbatimento osmótico de diferen-

ças, afinalas antiquíssimas questões de identidade cultural teimam não só em não desaparecer mas ressurgem sob novas formas e em modernizados contextos. Uma viagem através deste conjunto de longas “citações” deixa claro que a obsessão com a autognose nacional continua viva, por mais díspares que sejam as perspetivas dos autores que desse tema se ocupam. Naturalmente que não se trata de um fenómeno meramente português. A prová-lo, basta estar atento ao que se vai passando por esse mundo fora, a começar aqui nos EUA.

Por meríssima coincidência, terminei também por estes dias a leitura de *Watching the English. The Hidden Rules of English Behavior*, um delicioso livro de mais de 400 páginas em que a antropóloga Kate Fox, decidida a fazer *anthropology at home*, se lançou na observação minuciosa do quotidiano dos seus compatriotas ingleses. Descomplexada, bem-humorada e autocrítica, sem rebuscos de qualquer ordem, mergulha nas subtilidades do comportamento coletivo britânico evitando generalizações excessivas e subdividindo em grupos e subgrupos as camadas sociais do seu país. Não tenta explicar nada, apenas descrever. Conclui assim: “Peço desculpa, mas não creio que haja uma resposta simples. Para ser honesta, realmente não sei porque é que os ingleses são como são – nem mais ninguém, se for honesto, sabe. Isso não invalida o meu diagnóstico. [...] Os psiquiatras fazem-no a toda a hora e por isso não vejo porque auto-nomeado *seth no-shrinks* nacionais não hão-de ter o mesmo privilégio. E, se discordar, [o leitor] pode desafiar o meu diagnóstico e oferecer uma segunda opinião. [...] O ponto importante, que espero esteja agora claro, é que *Englishness* não é uma questão de nascimento, raça, corou credo: é um estado de espírito, um *ethos*, uma gramática” comportamental – um conjunto de regras não-escritas que podem parecer enigmáticas, mas que qualquer um pode decifrar e aplicar, agora que temos a chave”. (p. 414).

Marcello Duarte Mathias não se propôs ir tão longe. Como ficou claro, nem sequer escreveu o seu desejado livro, apenas escolheu os textos com que gostaria de dialogar. Mas deixou-nos um precioso conjunto de reflexões de alguns dos nossos melhores autores, dos mais diversos quadrantes – desde a filosofia à política, da literatura ao jornalismo e às ciências sociais – que, como ele, se sentiram (e os vivos ainda sentem) impelidos a observar e a interrogar-se sobre os portugueses.

Ninguém no seu tino dirá que Portugal não mudou nos últimos cinquenta anos. Contudo nenhum leitor destas páginas poderá, julgando com sinceridade e isenção, deixar de reconhecer a validade de tantas observações sobre constante registadas (naturalmente cada leitor fará um cabaz com as suas concordâncias) por alguns dos nossos melhores espíritos que, empenhados e comprometidos com os destinos do seu país, se aventuraram a refletir sobre os portugueses e o seu comportamento coletivo.

Por isso é caso para estarmos gratos ao ensaísta Marcello Duarte Mathias por este serviço, partilhando conosco parte do seu arquivo acumulado ao longo de uma vida em grande parte vivida no estrangeiro ao serviço de Portugal, olhando o país tanto de fora como de dentro numa alternância *gestalt*, porque as duas perspetivas não são exclusivas, mas complementares. A “paixão amorosa” subjacente aos textos selecionados que ele pede seja reconhecida pelos leitores, é-lhe – e muito merecidamente – aplicável. Este arquivo de “citações” também reflete a sua paixão amorosa pelo país. Torná-lo público é ainda uma ulterior manifestação dessa atitude, da motivação de fundo que subjaz a este livro e, não custa a crer, a toda uma vida.

Ponta Delgada com novo regulamento ao apoio ao arrendamento habitacional

O Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, acompanhado pela vereadora Cristina do Canto Tavares, deu a conhecer as “alterações ao Regulamento de Apoio ao Arrendamento para Fins Habitacionais, que foram aprovadas no final do ano passado”.

“O regulamento do Programa de Apoio ao Arrendamento Para Fins Habitacionais foi alterado de forma a atender a mais pessoas e abranger outras camadas sociais da população, o que, em termos de investimento autárquico, representou um aumento na ordem dos 175%, por comparação ao montante alocado em 2022”, salientou Pedro Nascimento Cabral, durante um almoço que contou a presença de seniores dos centros de dia dos Mosteiros e do Livramento.

O Presidente do Município explicou que o “objectivo passou por garantir que o cálculo das despesas médias anuais dos agregados familiares reflecte um valor mais realista e possibilita a apresentação de candidaturas por interessados integrados noutras franjas da população. Com o novo regulamento, a atribuição do apoio financeiro é determinada em função do rendimento per capita, que passa a contabilizar, no rol de despesas fixas – para além das despesas com água, electricidade, gás e saúde – despesas com telefone fixo e internet, educação, serviços de apoio à infância, aos idosos e à deficiência, passes de transportes e seguros obrigatórios”.

“Concretamente, o novo regulamento passou a contemplar majorações ao nível do apoio financeiro na ordem dos 15% aos

jovens até aos 35 anos, que vivam em contexto de coabitação, famílias com pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, ou agregados familiares com pessoas portadoras de 60% ou mais de incapacidade, vítimas de violência doméstica e famílias monoparentais” salientou responsável autárquico.

Durante este convívio de Páscoa, o Presidente do Município ainda revelou que “a habitação é uma das grandes prioridades da acção deste executivo municipal, para responder ao défice existente na cidade e no concelho, mas, sobretudo, para garantir equidade e bem-estar social àqueles agregados que estão a viver em condições habitacionais indignas e que não dispõem de capacidade financeira para suportar o custo de acesso a habitação adequada”.

Pedro Nascimento Cabral aproveitou também o momento para expressar que “esta é a nossa missão. Este é o nosso objectivo. Queremos atender a mais pessoas, queremos fixar os jovens no nosso concelho e garantir uma seniorização activa e feliz dos nossos munícipes. Tornamos o apoio ao arrendamento mais abrangente, tendo em conta o contexto social actual, mas não esquecemos e não deixamos de apoiar os munícipes que já beneficiavam deste apoio ao arrendamento desde 2018, ao abrigo do anterior regulamento. Por isso, entre o tempo que medeia o final dos anteriores programas e o início do novo, os antigos beneficiários estão a receber uma compensação financeira através do Fundo Municipal de Solidariedade Social para poderem fazer face às despesas”.